

DRUMMOND:
MATERIALIDADE E IMATERIALIDADE NA
EXPERIÊNCIA AMOROSA

Fábio Lucas
Crítico literário

Vem de Martin Heidegger a idéia de que o homem é um ser para a morte. O tema foi retomado por Jean-Paul Sartre, que lançou a noção de que a vida é uma paixão inútil. Inútil, digamos, mas também paixão, fervor existencial.

O Existencialismo explorou a concepção de que a vida é um “projeto”, palavra derivada do Latim – *projectu* – ou seja, “lançado para diante” (de *pro*, “diante”, mais *iactum* ou *jactum*, “lançado, proferido”). Enfim uma força inexplicada nos impulsiona para frente até o derradeiro momento de vida.

A consciência da morte outorga ao ser humano um limite, a sensação de finitude. Dá-se, então, um reflexo retroativo, uma compensação emocional que se transmite à vida, tornando-a mais intensa. Assim, a consciência da morte se faz intensificadora da vida. Se não existisse tal consciência, nada seria urgente. Daí o homem prezar tanto as situações que aqueçam e acelerem a existência, como o amor, as artes, os esportes.

Aliás, Georg Lukács sustenta que, entre as características da Arte, em contraposição à Ciência, é que aquela é portadora de uma “totalidade intensiva”.

Quando faleceu Carlos Drummond de Andrade, Affonso Romano de Sant'Anna publicou um artigo em que é lembrado que "os filósofos nos ensinam que o homem é *um ser para a morte*". E, dirigindo-se ao poeta recém-falecido, acrescenta o articulista: "Mas poderiam ter aprendido contigo que somos também *um ser para o amor*"

Na mesma ocasião, o jornalista José Maria Cansado (mais tarde biógrafo do poeta) entrevistou Hélio Pellegrino que, referindo-se a Drummond, assinala: "O homem para ele era um ser para o amor". E talvez ecoando as considerações existencialistas, adiciona: "Mas é preciso também fazer uma reverência à morte, é ela que acende o braseiro do amor." (cf. Sant'Anna e Cansado).

Melhor será que investiguemos a natureza desse amor, cujo núcleo se apresenta de múltiplos aspectos. O primeiro deles, sensível desde a aurora do poeta em *Alguma poesia*, já constante de *Sentimento do mundo* e avantajado em *A rosa do povo*, como numa gradação, caracteriza-se pela manifestação do amor em escala universal, direcionada para o gênero humano. O poeta se convence do ser social e enovela-se no drama coletivo. O amor da espécie traduz-se pela solidariedade.

Como viveu uma fase belicosa da humanidade, associou o tema da paz ao da justiça. Paz, justiça e solidariedade (variante da fraternidade) emolduram a sua defesa da espécie e o seu amor inespecífico, genérico. É lembrar sua homenagem a outro mártir da justiça: D. Quixote, "o derrotado invencível". Lá está: "pela justiça no mundo /luto iracundo" (poema "Quixote e Sancho, de Portinari", em *Impurezas do branco*). Em manuscrito reproduzido na segunda capa do Suplemento "Cultura", nº 374, de *O Estado de S. Paulo*, a 28-8-1987, encontramos este final: "Resumindo: o outro nome da paz é justiça". Palavras do poeta.

Na entrevista concedida a 20 e 30 de julho de 1987, publicada nos dias 8 e 22 de agosto de 1987, no suplemento "Idéias" do *Jornal do Brasil*, encontramos a 22 de agosto: "Antes de um escritor se lamentar porque não é lido como são lidos os escritores americanos ou europeus, ele deve se lamentar de pertencer a um país em que há tanta miséria e tanta injustiça social".

O segundo desenvolvimento da categoria se refere ao canto lírico, dirigido à mulher amada. O visualismo do poeta e seu poder de observação do espaço concentram-se na face carnal, corporal do amor. Difere, como visada exploradora do discurso lírico, do platonismo difuso do seu amigo Emílio Moura. Podemos dizer que Carlos Drummond de Andrade aplica-se mais na busca do corpo sem alma – poesia corporal – enquanto Emílio Moura empenha-se na busca da alma sem corpo – poesia incorporea.

Quase sempre o conteúdo da lírica drummondiana se organiza em torno da busca da materialidade do impulso amoroso. Nos primórdios, a inibição era disfarçada pela ironia, não obstante certo erotismo *voyeur*. O poeta sucessivamente caminha para o engenho descritivo das partes excitantes da mulher amada. Em *O amor natural*, obra póstuma, deliberadamente canta algumas partes dos dotes físicos da musa. Em mais de uma entrevista, deixou claro o seu propósito de exaltar os atributos eróticos da mulher. Assim, o pensamento lírico se torna ancilar do corpo. Chega até a radicalizar sua proposta poética. É o que diz no tom confessional da entrevista: “Minha poesia é autobiográfica. Até nem sei como costuma fazer tanto barulho em certos círculos” (JL, 1995).

Caminho oposto seguiu Emílio Moura, cujo território lírico se torna, de modo especial, a “idéia” da amada, na sua expressão mais sublime e absoluta. Mesmo o “corpo” da mulher amada, sua presença, evoca a mulher ausente, aquela imagem distante, divinizada na sua plenitude. Na lírica de Emílio Moura a imaterialidade da amada é valor. O próprio poeta se imaterializa. Veja-se este curto poema “Bucólica”: “Olha este azul, Eliana!// Que importa o que não fui,/ se o que não sou te embala?”

A análise da sexualidade em Carlos Drummond de Andrade deve incorporar ao comportamento do poeta a evolução dos costumes.

Na primeira fase, de *Alguma poesia* e *Brejo das Almas*, a mulher encontra-se quase sempre distante. É sublimada, embora sempre provocadora perante o ser desejante que se confessa em forma de poesia. O “eu” fragmentado, os múltiplos “eus” denotam a fragilidade masculina diante do distanciamento da

mulher no quadro social vigente. É que a via da sexualidade somente se abria mediante os protocolos legais: o casamento civil e suas conseqüências rígidas. Tudo era envolto numa atmosfera de punição, protetora da virgindade e criminalizadora da sedução. Valiam o recato e isolamento da mulher. Namoros vinham condicionados ou vigiados pelos pais, mães e irmãos.

A fase “corporal” da poesia drummondiana torna-se mais nítida quando ele, adulto, se beneficia das liberalizações amorosas do mundo moderno. Aquele corpo, que ficou mais insinuado que revelado, sai da sombra para o foco descritivo. *Corpo* e *O amor natural* devolvem ao poeta o prazer da dicção erótica, incidente sobre os órgãos genitais, sobre as partes outrora consideradas “pudendas”. É bem verdade que, em *Alguma poesia*, “Iniciação amorosa” já denunciava uma positividade escandalosa. Em *Sentimento do mundo*, no poema “Madrugal lúgubre”, algo satírico, temos: “Dai-me vossa cama, princesa,/ vosso calor, vosso corpo e suas repartições”. Caminhava-se, portanto, para desvestir o voyeurista já insinuado desde o “Poema das sete faces”. A última fase o exacerba.

Na dupla caracterização do ser para a morte, em contraste com o ser para o amor, lição de Carlos Drummond de Andrade para os filósofos existencialistas, encontraremos no poema “Morte das casas de Ouro Preto” (de *Claro enigma*) o efeito dialético do amor/morte retratado na derradeira estrofe, cujo final diz:

*Sobre a ponte, sobre a pedra,
sobre a cambraia de Nize,
uma colcha de neblina
(já não é a chuva forte)
me conta por que mistério
o amor se banha na morte.*

Aí está: “o amor se banha na morte”, plena apropriação do tema filosófico segundo o qual a consciência da morte intensifica o exercício da vida.

Assim como o amor genérico pela humanidade se manifesta em gradação na obra de Carlos Drummond de Andrade, o mesmo se verifica na escala do amor corporal. Se não, vejamos.

Em *Alguma poesia*, no pluridimensional “Poema das sete faces”, já surpreendemos apelos eróticos sensíveis aos olhos:

*o bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas, pretas, amarelas.*

No mesmo livro, o poema “Iniciação amorosa” diz tudo:

*E como eu não tinha nada que fazer vivia namorando as
pernas morenas da lavadeira.
Um dia ela veio para a rede,
se enroscou nos meus braços,
me deu um abraço,
me deu as maminhas
que eram só minhas.*

Saltemos para o poema “Canto negro” (de *Claro enigma*) cujo trecho seguinte diz bastante da reminiscência carnal do amante já iniciado:

*O mau era o nosso. E amávamos
a comum essência triste
que transmutava os carinhos
numa visguenta doçura
de vulva negro-amaranto.
barata! que vosso preço,
ó corpos de antigamente,
somente estava no dom
de vós mesmos ao desejo,
num entregar-se sem pejo
de terra pisada.*

*Amada,
talvez não, mas que cobiça
tu me despertavas, linha
que subindo pelo artelho,
enovelando-se no joelho,
dava ao mistério das coxas
uma ardente pulcritude,
uma graça, uma virtude
que nem sei como acabava
entre as moitas e coágulos
da letárgica bacia
onde a gente se pasmava,
se perdia, se afogava*

e depois se ressarcia.

*Bacia negra, o clarão
que súbito entremostravas
ilumina toda a vida
e por sobre a vida entreabre
um coalho fixo lunar,
neste amarelo descor
das posses de todo dia,
sol preto sobre água fria.*

O projeto lírico-amoroso do poeta prossegue até culminar no livro *Corpo* (cf. 1984), cujo primeiro poema “A contradição do corpo” diz:

*(...) Meu corpo, não meu agente,
meu envelope gelado,
meu revólver de assustar,
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei.*

Continua:

*Meu corpo apaga a lembrança
que eu tinha de minha mente.*

Adiante:

*Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.*

Ainda:

*Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta e vai pelo rumo oposto.*

De igual sequência descritiva, temos “A metafísica do corpo”, em que se lê:

*De êxtase e tremor banha-se a vista
ante a luminosa nádega opalescente,
a coxa, o sacro ventre, prometido*

*ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo
resume de outra vida, mais florente,
em que todos fomos terra, seiva e amor.*

A luxúria das partes excitantes da mulher se anuncia em vários títulos de *O amor natural*: “No corpo feminino, este retiro” (aí se diz, terrenamente: “No corpo feminino, esse retiro/ – a doce bunda é ainda o que prefiro.”); “A moça mostrava a coxa”; “A castidade com que abriu as coxas”; “A língua lambe” (exemplo: “A língua lambe as pétalas vermelhas/ da rosa pluri-aberta”); “A bunda, que engraçada”; “No mármore da tua bunda”; “Mimosa boca errante” (o verso final é de sumo erotismo: “Já sei a eternidade: é puro orgasmo.”); “Bundamel, bundalis, bundacor, bundamor”.

No conjunto de poemas de *O amor natural* dá-se a inversão da fórmula ser para a morte. É que, na simbologia de alguns poemas, o orgasmo (morte, cf. poema “Adeus, camisa de Xanto”: “Já gozamos. Já morremos.”) é pressentimento de vida. A ressurreição pós-orgásmica representa um renascimento, uma segunda vida.

O fetiche por algumas partes da tentação feminina – bunda, coxa, perna, maminha, vulva – , todas celebradas poeticamente na obra de Carlos Drummond de Andrade, retoma o aspecto retórico da metonímia, tropo que responde à fórmula lógica *pars pro parte* (o todo pela parte, sinédoque, transnomação).

Como quer que seja, o poeta administra admiravelmente a materialização da mulher amada como princípio motor do lirismo erótico. E mais: insiste, mormente na fase derradeira de sua produção, nas bases físicas do fenômeno amoroso. Por isso, manifesta-se uma articulação especial do olhar como fonte de prazer. O aviso da materialidade da emoção amorosa já estava no poema “A noite dissolve os homens” (*Sentimento do mundo*): “minha carne estremece na certeza da tua vinda.”

Provocado por jornalistas, Carlos Drummond de Andrade não deixou de falar sobre a sua produção erótica. É bom que fique o registro desse depoimento, a fim de que o leitor se aproxime das intenções do poeta, embora, conforme sabemos, nem

sempre a recepção de um texto corresponda estritamente às determinações do autor.

Assim, ante a pergunta de Cristina Serra: “O amor sempre esteve presente na sua poesia. Mas agora com maior frequência, não?”, Drummond teceu as seguintes considerações:

(...) Quanto aos poemas eróticos, eu não pretendo publicar. A princípio, eu tinha medo, achava que iam chocar. Agora, eu receio que não choquem mais, que eles sejam adotados para uso no jardim da infância (risos). Há uma onda de pornografia, de mau gosto, que dificulta muito a avaliação do que seja poesia. Aliás, todo mundo faz poesia hoje. A poesia agora não tem mais nenhuma regra, nenhum princípio. Não tem métrica, não tem rima, não tem ritmo. É só juntar palavras. Sobre essa desarmonia estética ainda há o mau gosto da exploração da pornografia. Então eu receio que o meu livro, *O amor natural*, ou passe despercebido, ou, se não, que seja considerado mais uma obra pornográfica.

Mais adiante, o poeta demarca o território de seu lirismo erótico. É que pretendeu valorizar o “lado físico do amor”, conforme explica:

Eu acho que, até agora, a grande parte, senão a totalidade, das obras literárias que falam de amor procura exaltar ou analisar o amor como uma mistura de amor físico e amor espiritual. Não há a tônica sobre o amor físico como uma expressão digna de amor. Quando nós falamos de amor, nós falamos mais de um sentimento do que de uma prática, uma experiência. A minha idéia foi enaltecer o lado físico do amor, numa linguagem poética. Não foi falar do obsceno e nem eu uso palavras obscenas.

Na sequência do depoimento de Carlos Drummond de Andrade, vamos encontrar uma justificativa baseada no seu passado e nas consequências de sua educação muito rígida. Daí se tira que, não obstante a proclamação do “lado físico do amor”, o poeta abre espaço para a camada de idealização da mulher. É o que explica, batendo-se, de certo modo, pela superioridade da mulher no enfrentamento da dor física ou moral:

(...) Eu fui criado no sentido da idealização da mulher. A mulher pra mim era uma espécie de sonho, de mito. E hoje a gente vê que as mulheres têm os mesmos problemas que os homens, discutem as mesmas questões, embora num certo sentido elas sofram mais, porque a condição feminina por natureza é mais discreta, mais retraída. Talvez haja um sofrimento feminino mais delicado, mais profundo que o sofrimento masculino. Mesmo porque, num casal, quando o homem sente uma dor física ou uma dor moral, ele procura repousar numa mulher. É muito raro uma mulher repousar num homem. (cf. *Leia*, agosto de 1985, e *JL*, 1985)

Aí estão, portanto, as razões do poeta. O certo é que, no final de sua carreira literária, Drummond cristalizou uma tendência que se veio desenhando ao longo de sua produção poética: concretizar o seu lirismo erótico baseado na atração física do amor.

TRABALHOS CITADOS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JL – Jornal de Letras, Rio de Janeiro, mar. 1955.

JL – Jornal de Letras, Artes e Idéias, Rio de Janeiro, n. 162, 12 e 18 ago. 1985.

CANSADO, José Maria. Entrevista com Hélio Pellegrino. *Leia*, Rio de Janeiro, n. 107, p. 21-22, set. 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A luz apagou. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1987. Caderno B.